

arquivos analíticos de políticas educativas

Revista acadêmica, avaliada por pares,
independente, de acesso aberto, e multilíngüe



Volume 26 Número 20

12 de fevereiro 2018

ISSN 1068-2341

A Biblioteca como Espaço de Mediação Cultural e de Educação Estética

Adair de Aguiar Neitzel

Cássia Ferri



Adeneri Nogueira de Borba

Universidade do Vale do Itajaí

Itajaí - Brasil

Citação: Neitzel, A. de A., Ferri, C., & Borba, A. N. de. (2018). A biblioteca como espaço de mediação cultural e de educação estética. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 26(20).

<http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.2966>

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo discutir sobre a potência cultural das bibliotecas escolares e universitárias, por conseguinte sobre sua contribuição para a educação estética dos usuários. É uma pesquisa de caráter qualitativo e tem como *corpus* de análise duas bibliotecas em Itajaí, Santa Catarina, Brasil, sendo uma a Biblioteca Pública Municipal e Escolar Norberto Cândido Silveira Jr. e a outra a Biblioteca Central e Comunitária da Universidade do Vale do Itajaí. Os instrumentos de coleta de dados foram observações registradas em diários de campo, documentos institucionais e fotografias. A análise dos dados pautou-se nos procedimentos da análise de conteúdo, segundo Franco (2008). Os resultados apontam que ambas as bibliotecas se constituem como espaços prioritários de leitura e pesquisa e, mesmo com algumas limitações físicas, elas exploram seus espaços para promover a convivência, a experiência, a cultura e a educação estética.

Página web: <http://epaa.asu.edu/ojs/>

Facebook: /EPAAA

Twitter: @epaa_aape

Artigo recebido: 16/3/2017

Revisões recebidas: 5/11/2017

Aceito: 5/11/2017

Por meio da análise efetuada, foi possível identificar que os espaços das bibliotecas apontam para a trílogia informar, discutir e criar, revelando sua potência cultural.

Palavras-chave: biblioteca; educação estética; mediação cultural

The library as space of cultural mediation and aesthetic education

Abstract: This research aims at discussing the cultural potency of school and university libraries, and therefore, their contribution to the aesthetic education of users. It is a qualitative research and has as corpus of analysis two libraries in the city of Itajaí, Santa Catarina, Brazil: the Municipal Public and School Library Norberto Cândido Silveira Jr. and the Central and Community Library of the University of Vale do Itajaí. The instruments of data collection were observations recorded in field journals, institutional documents and photographs. The analysis of the data was based on the content analysis procedures, according to Franco (2008). The results indicate that both libraries constitute priority areas for reading and research, and, even with some physical limitations, they explore their spaces to promote coexistence, experience, culture and aesthetic education. Through the analysis, it was possible to identify that the spaces of the libraries point to the trilogy inform, discuss and create, revealing its cultural potency.

Keywords: library; aesthetic education; cultural mediation

La biblioteca como espacio de mediación cultural y de educación estética

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo discutir la potencia cultural de las bibliotecas escolares y universitarias, por consiguiente acerca de su contribución para la educación estética de los usuarios. Es una investigación de carácter cualitativo y tiene como *corpus* de análisis dos bibliotecas en Itajaí, Santa Catarina, Brasil, una de las cuales es la Biblioteca Pública Municipal y Escolar Norberto Cândido Silveira Jr. y la otra la Biblioteca Central y Comunitaria de la Universidad del Vale do Itajaí. Los instrumentos de recolección de datos fueron observaciones registradas en diarios de campo, documentos institucionales y fotografías. El análisis de los datos se basó en los procedimientos de análisis de contenido, según Franco (2008). Los resultados indican que ambas bibliotecas se constituyen como espacios prioritarios de lectura e investigación, y aun con algunas limitaciones físicas, explotan sus espacios para promover la convivencia, la experiencia, la cultura y la educación estética. Por medio del análisis efectuado fue posible identificar que los espacios de las bibliotecas apuntan hacia la trílogía informar, discutir y crear, revelando su potencialidad cultural.

Palabras clave: biblioteca; educación estética; mediación cultural

Introdução

Borges (1999, p. 516) inicia o conto *Biblioteca de Babel* descrevendo a biblioteca como um universo que “compõe-se de um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas”. A imagem que o conto evoca é de infinitude, um espaço sem limites, interminável, misterioso, febril, divino, organizado, mas, ao mesmo tempo, caótico. A ordem e a desordem instauradas apresentam muitas linhas de fuga ao leitor e o espaço torna-se incontrolável, apesar de sua organização racional.

Eco (1983, p. 199), na obra *O nome da Rosa*, explora outra visão da biblioteca, como um espaço com “forte odor de ranço ou de mofo”. Atrélada a essa imagem da biblioteca, o autor aponta-a ainda como espaço labiríntico onde se tem “estranhas visões e, como acontece nos labirintos, fica-se perdido nele”. Esse arquétipo de biblioteca, como espaço de preservação de obras frequentado por poucos e que instaura insegurança no usuário pelo que pode dele emergir, vai se consolidando na cultura ocidental, inclusive pela literatura e pelo cinema que exploram essa ideia.

Calvino (2010), no conto *Um general na biblioteca*, apresenta a imagem da biblioteca da Pandúria que esteve sob intervenção militar. Nas mentes dos oficiais, insinuava-se que “os livros contivessem opiniões contrárias ao prestígio militar” (Calvino, 2010, p. 67). Segundo o autor: “Ficava essa biblioteca num antigo palácio cheio de escadas e colunas, descascado e desabando aqui e ali. Suas salas frias estavam repletas de livros, abarrotadas, em locais impraticáveis; só os ratos podiam explorar todos os cantinhos” (Calvino, 2010, p. 67).

As imagens colhidas na literatura de Borges, Eco e Calvino provocam-nos a pensar sobre a potência cultural desse espaço. Em suas narrativas, os escritores utilizam as bibliotecas como cenários que convidam à ação, uma ação que chama a imaginação a trabalhar, como diria Bachelard (1993). Não será esse o papel das bibliotecas dentro ou fora das escolas? Mesmo em espaços formais de educação, as bibliotecas ainda não se reinventaram e não ocupam o lugar cultural que poderiam ocupar, restringindo-se, muitas vezes, a um espaço de guarda de livros. Com Borges, Eco e Calvino vimos as bibliotecas oscilarem de lugares que cheiram a mofo a espaços labirínticos e infinitos, de espaços destinados à leitura solitária a espaços de convivência, que promovem a cultura e a educação estética.

Trazemos à baila essas narrativas literárias porque elas nos provocam a pensar a biblioteca como espaço central de produção de sentidos. Entre os muitos desafios apresentados à educação formal está o de perceber outros espaços para além da sala de aula, espaços inclusive não formais como museus e bibliotecas, como de educação dos sentidos, de educação estética. Entendemos por educação estética o movimento no qual o ser humano se envolve e amplia o seu olhar, seu escutar, sua capacidade de afetar e ser afetado, de estesiarse pelas coisas que estão no seu entorno. Falamos da *aisthesis*: “capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado” (Duarte Jr., 2010, p. 13). Com Schiller (2012) compreendemos a necessidade de o juízo estético estar entrelaçado aos princípios da razão, de forma que não haja uma separação entre as faculdades sensível e racional do ser humano, pois é esse equilíbrio que leva o homem a pensar por si mesmo, à autonomia de pensamento. A provocação que trazemos neste artigo é de se pensar a biblioteca não somente como espaço de aprendizagens curriculares, mas também de experiências e de educação dos sentidos.

Bachelard (1993), ao referir-se aos espaços, aponta para o impacto que eles provocam em nossa imaginação, instigando ressonâncias ou repercussões. As ressonâncias aplicam-se às imagens que nos chegam cotidianamente em nossas vivências, enquanto que as repercussões são imagens percebidas na experiência e, por isso, elas reverberam em nosso ser. Ao afetarem-nos, as imagens colhidas nos espaços compõem nossas experiências e permitem devaneios, encontros, estesias.

Quando o espaço estesia, somos atraídos para fora de nós mesmos, pois eles influenciam a imaginação a trabalhar no nosso íntimo e, por meio desse movimento, ampliamos nossas experiências e elas podem nos mobilizar para sermos mais sensíveis ao entorno. Para Larrosa (2016, p. 25), a experiência relaciona-se ao conceito de acontecimento, à “possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque”. O pesquisador atenta que a experiência exige um movimento que leve a “parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar” (Larrosa, 2016, p. 25), ou seja, ela exige que suspendamos o automatismo da ação.

Pensar a biblioteca como um espaço para a experiência é desvelar sua potência cultural, é incentivar seu uso não apenas para a pesquisa escolar, mas também para a leitura compartilhada, a troca de saberes, a escuta do outro, espaço para encantamentos outros. A escola, a cidade, o bairro, a rua, nossa casa e demais lugares que frequentamos são espaços que nos barbarizam e embrutecem ou nos chamam para fora de nós, nos permitindo o cultivo do sensível. A arquitetura dos espaços nos influencia, ela é uma expressão que finge possuir imobilidade, mas cuja dinamicidade se revela por suas duas pontas, o eixo interior e o exterior, conforme assinala Coelho Neto (1997). O espaço interior é concebido sempre como um espaço onde se procura proteção. E o exterior busca ser o reflexo do interior. Os diferentes sentidos que se atribuem a esses espaços variam conforme a cultura e a época.

Neste artigo, queremos discutir como os espaços das bibliotecas podem contribuir para a educação estética e ampliar as experiências dos usuários, seja na escola ou na universidade. Serão eles espaços sóbrios, austeros, compostos de estantes para os acervos e as mesas para pesquisa ou serão também espaços para encontros com a leitura e para a convivência? Borba, Neitzel e Carvalho (2016) exploram a temática da biblioteca como espaço de mediação cultural. As autoras identificam como ela pode contribuir para a educação estética do público, de forma a ampliar as percepções do sujeito sobre o mundo no ato de apreciar, de observar, de estranhar e, assim, empoderá-lo para reconhecer no mundo o que antes passava despercebido. As pesquisadoras buscam desvelar o espaço interior e exterior que as bibliotecas guardam e que são percebidos pelos usuários.

Os espaços induzem-nos a comportamentos distintos e de ocasião, por isso, dependendo da situação, escolhemos o lugar. Espaços para encontros românticos são diferentes de espaços que exigem um cenário mais formal como os das reuniões de negócios; ou, ainda, aqueles despojados e divertidos, perfeitos para encontrar os amigos. O que torna esses espaços propícios para cada ocasião é que esses ambientes foram projetados para provocar determinados comportamentos por meio das formas com que os elementos do espaço interno o configuram, como suas cores e texturas, a iluminação, o tipo de linha que impera no mobiliário, os tecidos e tudo mais que nos contagia e nos atrai. Com a nossa casa não é diferente, somos estimulados a organizar nossa sala, nossos quartos e demais aposentos. No trabalho também fazemos isso trazendo elementos que nos deem a sensação de habitar. Bachelard (1993) incita-nos a pensar que somos os criadores da cultura de habitar quando a imaginação impera, nossas ações agem para trazer-nos aconchego. E por que não seria assim com as bibliotecas? Por que seus espaços repercutem em muitos de nós como lugar empoeirado ou de silêncio, sagrado, comparado aos templos religiosos? Por que nosso imaginário construiu deste espaço imagens de coisas impenetráveis, inacessíveis, de conservação de um patrimônio cultural? Neitzel et al. (2016) discutem como essa visão da biblioteca se consolidou ao longo dos séculos e de como, a partir do século XX, ela vem sendo desconstruída e pensada como centro cultural. As autoras sinalizam que a concepção de biblioteca mudou, e que, hoje, elas desenvolvem atividades culturais constituindo-se também como espaços de interação, de trocas, de

convivência e de mediação cultural. Seus espaços são pensados para ampliar as experiências estéticas e culturais, uma concepção que tem respaldo no Manifesto da IFLA/UNESCO¹.

A ideia da biblioteca como espaço de experiência estética convida-nos a pensar sobre o espaço que o corpo habita. Ele influencia as possibilidades que o imaginário pode conceber para habitar outras dimensões. Influencia e é influenciado. O espaço tanto pode nos levar ao devaneio, que nos permite sonhar, imaginar e recuperar energias devido ao aconchego que o espaço desencadeia em sua “função de habitar”, ou nos levar ao repúdio, ao estresse, a doenças geradas na tensão estabelecida no “jogo entre o exterior e a intimidade” – e este, muitas vezes, “não é um jogo equilibrado” (Bachelard, 1993, p. 19).

A relação que estabelecemos com as pessoas, os espaços e os objetos geram imagens e estas causam ressonâncias que “dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo” (Bachelard, 1993, p. 7). Quando essa relação se constrói na experiência, as ressonâncias eclodem em repercussões que são geradas pelo que nos acontece, isto é, pelos afetamentos. A imagem que gera repercussões “convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência” (Bachelard, 1993, p. 7). Como afirma Bachelard, a imagem que ressoa das nossas repercussões é um produto que vem direto do coração, da alma, do ser do homem, ela é “variacional”, depende das experiências vividas por cada ser e pelo que se permite viver. Por isso, entendemos a importância da reinvenção dos espaços das bibliotecas para alterarmos a imagem e o sentido que construímos ao longo dos séculos. De repositório de livros podemos ampliar para uma imagem que representa um espaço de experiências e encontros estéticos, possibilitando que as ressonâncias geradas por essas imagens se tornem repercussões.

Nesse processo de reinvenção, entendemos que a arquitetura da biblioteca, os móveis, os objetos, as cores e a luminosidade, entre outros elementos, colaboram para refinar nossos sentidos, para nossa “nutrição estética” (Martins, 2012), que é um dos aspectos que auxilia para esse afetamento. Ela pode ser iniciada pela família, pela escola e pelos espaços não formais de educação e de lazer onde convivemos. São esses os pressupostos desta pesquisa, e, por meio deles, discutiremos como os espaços das bibliotecas, quando revitalizados ou planejados segundo uma dimensão estética, auxiliam na percepção dessa instituição como espaço cultural, alterando sua imagem junto aos usuários.

O Percurso Metodológico

Esta pesquisa foi de caráter qualitativo e teve como objetivo discutir sobre a potência cultural das bibliotecas escolares e universitárias de forma a refletir sobre a sua contribuição para a educação estética dos usuários. Analisamos como as bibliotecas são organizadas e como elas podem ampliar as experiências dos usuários, seja na escola ou na universidade. Como *corpus* de análise, selecionamos duas bibliotecas em Itajaí, Santa Catarina, Brasil, sendo uma a Biblioteca Pública Municipal e Escolar Norberto Cândido Silveira Jr. e, a outra, a Biblioteca Central e Comunitária da Universidade do Vale do Itajaí.

Os instrumentos de coleta de dados foram observações registradas em diários de campo, documentos institucionais e fotografias. A observação foi feita durante 12 meses. A análise dos dados pautou-se nos procedimentos da análise de conteúdo segundo Franco (2008). Para a autora, a análise de conteúdo centra-se na mensagem verbal, gestual, fotográfica, entre outras, diretamente

¹ O Manifesto da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) com colaboração da *International Federation of Library Associations* (IFLA) visa a potencialização das bibliotecas por meio de ações que esses espaços de cultura podem realizar em relação à informação, à alfabetização, à educação e à cultura. Recuperado em 5 de março, 2015 de <http://snbp.culturadigital.br/manifestos/manifesto-da-unesco-sobre-bibliotecas-publicas/>.

percebida ou não. Os documentos institucionais analisados foram as agendas culturais e outras informações sobre as bibliotecas disponíveis, como sua missão. As fotos carregam evidências que auxiliam a observação do pesquisador e de quem lê, sendo usadas não apenas para ilustrar os registros escritos, mas também para gerar imagens – ressonâncias e repercussões - no leitor. Explicitamos que, ao citar e registrar por meio de fotos alguns eventos que ocorreram nesses espaços, tivemos como objetivo ampliar a compreensão do leitor acerca das atividades culturais que apontam para a potência cultural das bibliotecas. Por isso, esses registros não foram detalhados nem analisados. Apesar disso, entendemos que as fotos contribuem para a percepção do leitor acerca do conceito de mediação cultural e de educação estética.

A análise também foi feita tendo em vista as características da biblioteca contemporânea sinalizadas por Milanesi (2003). Segundo o autor, as bibliotecas podem ser ampliadas por meio da trílogia informar, discutir e criar, as quais oportunizam que se possa reinventar a concepção tradicional da biblioteca de espaço de repositório de livros para espaço cultural e de educação estética. Esses três elementos são essenciais para reinventar os espaços das bibliotecas, e eles compreendem espaços de acolhimento e acesso ao acervo, de discussão para estimular a produção cultural e espaço de criação e atualização do conhecimento.

Espaços de Informar, Discutir e Criar

Uma produção arquitetônica não é ingênua, pelo contrário, ela se articula para colocar-se no dia-a-dia daquele que ela abriga e que convive com suas formas interativa e subjetivamente.

(Barbalho, 2002, p. 4).

O que o espaço comunica? Segundo Barbalho, uma arquitetura não só comunica, mas também se integra na vida dos passantes, dos usuários que ela abriga. A convivência entre as pessoas dá-se nos espaços. As interações são dependentes também das percepções que construímos nesses espaços e, por isso, são tão influenciadores. Coelho Neto (1997) discute que não é suficiente falar em uma linguagem do espaço, mas considerá-lo como uma forma genérica de expressão que informa o homem, e com o qual o homem também educa, se sensibiliza ou se atormenta. A arquitetura, portanto, pode gerar imagens que nos predisõem para determinada atividade ou não, pode nos provocar, nos envolver. Pensar a arquitetura implica em refletir sobre a intencionalidade dos sujeitos que a propõe, mas, sobretudo, acerca das possibilidades de criação que este espaço permite. A trílogia adotada na obra *Casa da Invenção* de Milanesi (2003) aponta como podem ser organizados os espaços internos das bibliotecas como centro de informação e cultura. Na perspectiva do pesquisador, um espaço de informação cultural precisa constituir-se como espaço de informar, de discutir e de criar. Ao *criar* possibilidades de encontros na biblioteca permite-se dar sentido aos outros dois verbos, *discutir* e *informar*. Criar também diz respeito a tornar a biblioteca um espaço dinâmico, a movimentar a curiosidade do público de forma que atividades rotineiras como a pesquisa, o empréstimo de livros e a leitura aconteçam, mas que também a biblioteca seja um espaço vivo de mediação cultural que promova a educação estética de seus usuários.

Ao analisarmos duas bibliotecas, uma escolar e outra universitária, observamos seus espaços para a partir deles explorarmos sua potência cultural. A Biblioteca Pública Municipal e Escolar Norberto Cândido Silveira Jr., localizada no centro da cidade de Itajaí, Santa Catarina, Brasil, integra-se a uma pequena área verde que se encontra na sua lateral, uma praça que permite que a biblioteca seja dotada de muita iluminação natural. Sua arquitetura revela a intencionalidade daquele espaço. Ele não foi concebido para ser uma biblioteca, mas uma fábrica de tecidos que, no ano de 2000, foi

adaptada para abrigar o acervo que hoje a constitui como uma biblioteca. Logo, a imagem que a arquitetura externa da biblioteca evoca é de um espaço de trabalho, não de lazer e entretenimento, pois: “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entre a mensuração e à reflexão geométrica” (Bachelard, 1993, p. 19).



Figura 1. Espaço externo da biblioteca
Fonte: Acervo das autoras.

Essa imagem do geômetra vai se diluindo quando distanciamos nosso olhar e projetamos a biblioteca no contexto em que ela está, um espaço verde, aberto, que convida a imaginá-la poeticamente. Duarte Jr. (2010) discute que as cidades precisam ter espaços seguros e prazerosos, de convivência, que sejam estéticos e ampliem os sentidos. O prolongamento da biblioteca dá-se por meio da pracinha com um jardim arborizado que preenche aquela paisagem urbana de forma acolhedora e sensível e, assim, a sua fachada estabelece uma comunicação expressiva com a cidade. As fachadas são pontos que comunicam, são “um texto silencioso, eficaz e subliminar a quem observa” (Pinto, 2015, p. 3). Os elementos que a compõem podem contribuir para que a imagem do lugar possa ser perpetuada, consolidada no imaginário das pessoas e usada como referência para a cidade. Essa imagem vai se delineando quando adentramos em seu espaço interior, um espaço que é resultado de um vivido, pois ele convida a ficar. “No reino das imagens, o jogo entre o exterior e a intimidade não é um jogo equilibrado” (Bachelard, 1993, p. 19).



Figura 2. *Espaço de acolhimento da Biblioteca Municipal*

Fonte: Acervo das autoras.

Há uma certa limitação quanto aos espaços de acolhimento do público, onde ele recebe as primeiras informações dos serviços oferecidos. Não há uma sala de espera com sofás ou mesas fora do espaço de pesquisa. Nesse caso, o balcão de atendimento funciona como local de acolhimento ao público, onde este é recebido e direcionado para os demais espaços da biblioteca.

Contudo, a ressonância de uma imagem também pode repercutir pela mediação realizada pelo bibliotecário ou funcionário. Martins (2014) sinaliza que ações mediadoras podem possibilitar encontros com a cultura e a arte, ações que oferecem espaços para agir, observar, comparar, interpretar, provocar esteticamente o outro. Muitos estímulos brotam de seu interior composto por um auditório equipado para as diversas manifestações culturais. Esse espaço é um lugar de encontro na biblioteca, pois nele ocorrem vários cursos de formação dos variados setores de Itajaí. Atividades culturais são promovidas envolvendo arte, como apresentações teatrais e concertos musicais, momentos em que experiências estéticas são trocadas.



Figura 3. Espaço de informar, discutir e de educação estética
Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal de Itajaí.²

Outras áreas de convivência são exploradas, áreas fundamentais para que as pessoas se encontrem e possam ter acesso a jornais e revistas atuais, um exercício para criar hábitos culturais que alimentem o uso da biblioteca como um espaço necessário para a vida. Nesse sentido, um espaço para o público infantil foi construído. A altura das prateleiras, das mesas, das cadeiras, os pufes coloridos demonstram o tipo de público que o espaço quer atrair. Esse espaço quer aguçar a

² Nas imagens, apresentação do *Trio Arnou de Melo*. Foto disponível em: <<https://www.facebook.com/search/photos/?q=biblioteca%20publica%20de%20itajai>>. Acesso em: 20 maio 2016.

percepção dos pequenos estudantes em relação à biblioteca, vista normalmente como espaço para consulta e cópia para pesquisas escolares. Ao introduzir móveis e objetos que remetam a espaços de prazer, são possibilitadas outras formas de pensar-se a biblioteca. De um lado, espaço para pesquisas individuais e em grupo, e, do outro, é oferecido um espaço de passatempo, de ócio criativo, permeado por gibis, jogos e literaturas diversas.



Figura 4. *Espaço infantil de informar*

Fonte: Acervo das autoras.

As lembranças, se forem de um espaço feliz, repercutirão para toda a vida, como anuncia Bachelard (1993), mantidas vivas. As imagens colhidas no cotidiano da biblioteca, sendo permeadas por imagens de um espaço feliz, poderão possibilitar que ela se torne parte da rotina e da vida da criança. Atrai-la para a biblioteca é uma ação de incentivo à formação de leitores. A adequação do espaço demonstra uma compreensão acerca da sua importância para a estesia, assim como a concepção de que a leitura do literário pode ser um elemento para a educação estética. Imagens do livro na infância podem estabelecer uma relação frutiva entre obra e o leitor mirim e quando esta é fortalecida pela biblioteca escolar, esta pode tornar-se um espaço de educação não formal essencial na vida cotidiana.

Milanesi (2003) discute que o espaço destinado ao acervo, ao ser de fácil acesso e o mais próximo do público, torna-se versátil, permitindo sua múltipla utilização, de modo que haja espaço para leitura silenciosa, para ver vídeos e ouvir música e espaço infantil apropriado. Essa concepção de biblioteca como um lugar de convivência amplia sua função, e, quando ela passa a ser local de experiências vividas no sentido que Larrosa (2016, p. 16) anuncia, podemos pensá-la também como um espaço educativo mais existencial, que acolhe a subjetividade, entendendo “a educação a partir do par experiência/sentido”. Uma educação que se preocupa com “o dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (Larrosa, 2016, p. 16-17).



Figura 5. *Espaço de informar*
 Fonte: Acervo das autoras.

Duarte Jr. (2010) sinaliza que a experiência estética constitui um elemento precioso no desenvolvimento humano, que pode alterar a percepção do sujeito perante a vida. As atividades artísticas são experiências de que dispomos para ampliar nossa capacidade de perceber, de alcançar e de organizar os estímulos que nos cercam. No entanto, não é apenas pelas atividades artísticas que educamos os sentidos, mas também pela qualidade das nossas vivências, pelas percepções que vamos construindo. É nesse sentido que insistimos que a biblioteca como espaço de experiências estéticas pode contribuir para a educação estética.

A imagem da biblioteca como aconchego acompanha aqueles que frequentam seu sótão (mezanino), e ela passa a ser também a morada de devaneios felizes. No sótão são colhidas imagens que desafiam a realidade, espaço propício à reação, ao absurdo, muitos medos o atravessam, muitas coisas ali acontecem (mesmo que seja só no imaginário infantil). No sótão da biblioteca, são proporcionados às crianças momentos de mediações de leitura, cineminha, teatro, entre outros.



Figura 6. *Espaço de educação estética*
 Fonte: Acervo das autoras.

Encontros compartilhados na Biblioteca Pública Municipal e Escolar Norberto Cândido Silveira Jr. geram lembranças felizes e quando afetam o sujeito produzem imagens que repercutem para toda a vida. É uma biblioteca que promove experiências que nos permite defender a

necessidade de o currículo ser expandido para outros espaços não formais, um aprender para além da sala de aula.

Espaços de Mediação e Educação Estética

*Je pensais que j' allais dans ces bibliothèques parce
que je devais faire tel travail, mais pas du tout,
j' avais choisi de faire tel travail parce que
ça m' obligeait à aller dans des bibliothèques.*
(Roubaud, 2012, p. 44)³

Jacques Roubaud (2012) é um colecionador de bibliotecas. A relação poética que ele estabeleceu com esse espaço nos provoca a pensá-lo como espaço cultural e estético. Essa percepção de Roubaud nasceu da experiência, dos encontros que ele teve nas bibliotecas. A relação que ele estabeleceu com elas ampliou seus sentidos a ponto de elas deixarem de ser apenas um lugar de leitura e pesquisa. Assim, os sentidos da biblioteca normalmente atribuídos pelas pessoas foram reinventados. Duarte Jr. (2010) afirma que é por meio dos sentidos que percebemos o mundo e ampliamos nossa compreensão racional e inteligível das coisas. “O mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível” (Duarte Jr., 2010, p. 13). Para o pesquisador, além de nos permitir sentir, é necessário que sejamos estimulados de formas múltiplas a desenvolver nossos sentidos. Ao prestarmos atenção no que sentimos e no que os estímulos provocam em nós, podemos mudar nossa vida em sociedade, “afinal, a construção de nossa realidade sensível é também fruto de uma ação social e cultural” (Duarte Jr., 2010, p. 218). Tendo em vista essa concepção, continuamos nossa investigação acerca das imagens que são provocadas pelas bibliotecas por meio da organização de seus espaços assim como das ações de mediação cultural, agora com foco na Biblioteca Central e Comunitária Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), na cidade de Itajaí, Santa Catarina, Brasil. Seu espaço externo está agregado a outros blocos e a fachada voltada para dentro da universidade revela uma arquitetura comunicante, com vitrines iluminadas dispostas a atrair olhares sensíveis.



Figura 7. Fachada e área externa da Biblioteca Central e Comunitária UNIVALI
Fonte: Acervo das autoras.

³ Eu pensei que eu estava indo às bibliotecas porque eu tinha de fazer tal trabalho, mas de forma alguma, eu escolhi fazer tal trabalho, porque ele me obrigava a ir às bibliotecas. (Roubaud, 2012, p. 44, tradução nossa).

A parte interna acompanha uma área de convivência que convida para o descanso ou encontro entre amigos, entre folhagens, árvores e gramado, de modo a recepcionar com aconchego os visitantes. As vitrines agregadas à arquitetura da Biblioteca Central e Comunitária UNIVALI são mantidas pelos setores administrativos que divulgam suas ações e comunicam eventos, projetos, editais e outras informações aos passantes, ou àqueles que descansam ou conversam nos bancos dos corredores. Como parte integrante do espaço, ela é convidativa, toca o outro e por ele é tocada, estabelecendo um elo com o usuário ou sujeito passante.



Figura 8. *As vitrines: textos aos passantes*

Fonte: Acervo das autoras.

As vitrines são textos que orientam para diversas interpretações, conjugando dinamicamente os modos de vida de um espaço. São ativadoras de sentido, pois, ao empregarem estratégias persuasivas aos produtos por elas oferecidos, constroem um verdadeiro *marketing* sensorial (Demetresco, 2005). A estética de uma fachada a diferencia e a caracteriza como uma publicidade sedutora aos olhos, cuja ambiência idealizada chama antes da informação (Pinto, 2015). O *marketing* sensorial é promovido pela organização da exposição que é dependente da curadoria educativa. Ao longo do período 2015-2016, percebeu-se um grande avanço na qualidade estética das vitrines, que, de murais opacos e tímidos que vinculavam informações, passaram a janelas convidativas a olhares sensíveis.

Na entrada, deparamo-nos com um hall construído por um grande espaço vazio que agrega durante o ano diversas exposições artísticas locais. Esse vazio presente no hall funciona como uma abertura no espaço denso, quebrando o fluxo contínuo de movimento e ocupação do espaço, contribuindo com a educação estética dos sujeitos. Ao promover encontros intermediados pela arte, oferece-se a oportunidade de o usuário construir uma imagem poética da biblioteca e esta interfere na sua educação estética. Para Bachelard (1993), a imagem poética não é relacionada a uma racionalidade premeditada, mas existencialista, ontológica, pois provoca devaneios que instigam a imaginação humana e inserem o homem em um movimento aberto para o mundo e para o outro. A construção das imagens está relacionada à educação dos sentidos que se dá pelo experienciar de forma cotidiana e não apenas episódica. Por isso, consideramos a importância dos espaços porque a imagem colhida no dia a dia pode, ainda mais, apurar nossos sentidos.

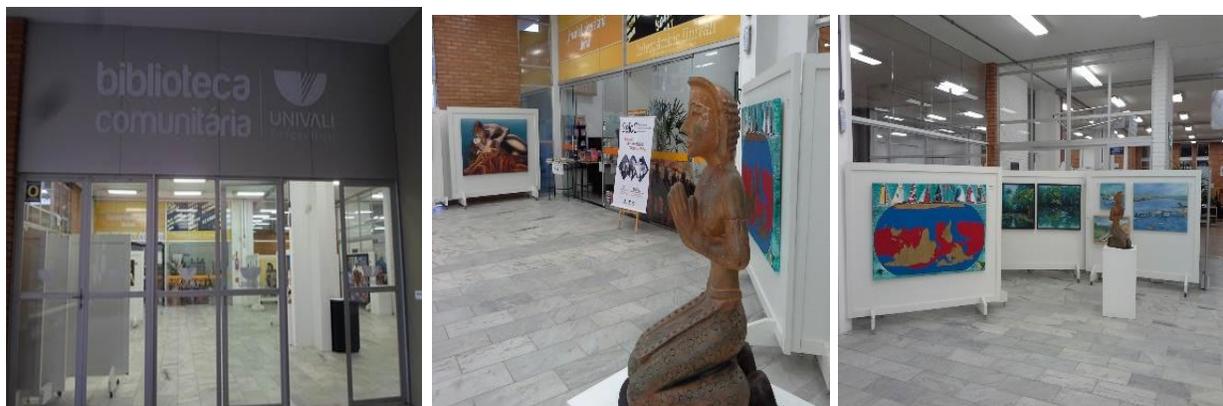


Figura 9. Hall: espaço de formação estética

Fonte: Acervo das autoras.

Segundo Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014), a educação estética não está reduzida a lugares sagrados como os museus. Ao se propor no hall da biblioteca exposições artísticas de diversos artistas, provocam-se olhares estéticos sobre as obras. A organização do hall quebra a velocidade que flui na rotina acadêmica, permitindo a quem entra um outro olhar, uma pausa sensível, um desacelerar. Dessa forma, antes de o usuário adentrar na recepção da biblioteca, ele se depara com três espaços que podem auxiliar a refinar seus sentidos, ampliar seus saberes e suas experiências uma vez que eles acuram suas “percepções acerca da realidade vivida” (Duarte Jr., 2010, p. 23): o entorno verde da fachada exterior da biblioteca, as vitrines e o hall de entrada.

Os encontros sensíveis são prolongados no interior da biblioteca, no saguão, onde são efetuados os empréstimos. Ali o usuário encontra mais uma área de convivência, uma sala de estar que convida o sujeito a ficar. Os livros, as revistas, os jornais e os jogos expostos à volta, em mesas, estantes e prateleiras bem visíveis e na altura dos olhos, são outro convite para leituras rápidas e encontros de lazer. Um espaço que tem a proposta de atrair o público para a biblioteca vir e ficar sem pressa, um espaço para se habitar e criar intimidade que funciona de forma dinâmica, pois ora é espaço de acolhimento, ora é espaço de leitura, ora é espaço onde a ação cultural acontece.



Figura 10. Espaço de acolher e informar da biblioteca da UNIVALI

Fonte: Acervo das autoras.

Milanesi (2003, 2013) discute que, se o espaço quer quebrar a rotina milenar, ele precisa ser versátil, mutante, alterar sua configuração e mostrar as novas faces da instituição de acordo com as necessidades encontradas. Para o pesquisador, não basta disponibilizar o acervo ao público, é

necessário criar ações que movimentem a biblioteca e a tornem um espaço vivo, de sociabilidade. O perfil da instituição adotará a concepção de quem o gerou, neste caso a universidade. Dessa forma, “um trabalho cultural começa pelo estímulo à expressão. Isso se inicia pelo diálogo na porta de uma biblioteca e se aprofunda em uma oficina de criação” (Milanesi, 2003, p. 183). Espaços para criar são aqueles que permitem ao usuário educar-se esteticamente. No caso da biblioteca da UNIVALI, esses espaços são aqueles que exploram as mediações culturais por meio de ações culturais. A mediação cultural é o termo contemporâneo utilizado para definir as ações realizadas em determinado espaço, chamadas inicialmente de ações culturais. Ela aponta para uma perspectiva que busca possibilitar encontros sensíveis dos sujeitos com a arte.

Nossa compreensão de mediação perpassa, portanto, pelo entendimento de que ela envolve oferecer ao público um outro olhar, outra perspectiva educativa sensível e pensante. Não há necessariamente a necessidade da presença física de um sujeito mediador, pois a relação entre obra e fruidor se constrói pelo afetamento que ocorre entre um e outro, e este com ou sem a presença do mediador. Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014) destacam que a mediação cultural é um importante instrumento para a formação artística, estética e também política das pessoas que frequentam os espaços educativos tanto formais quanto não formais de ensino, e que ela pode promover a autonomia do sujeito.

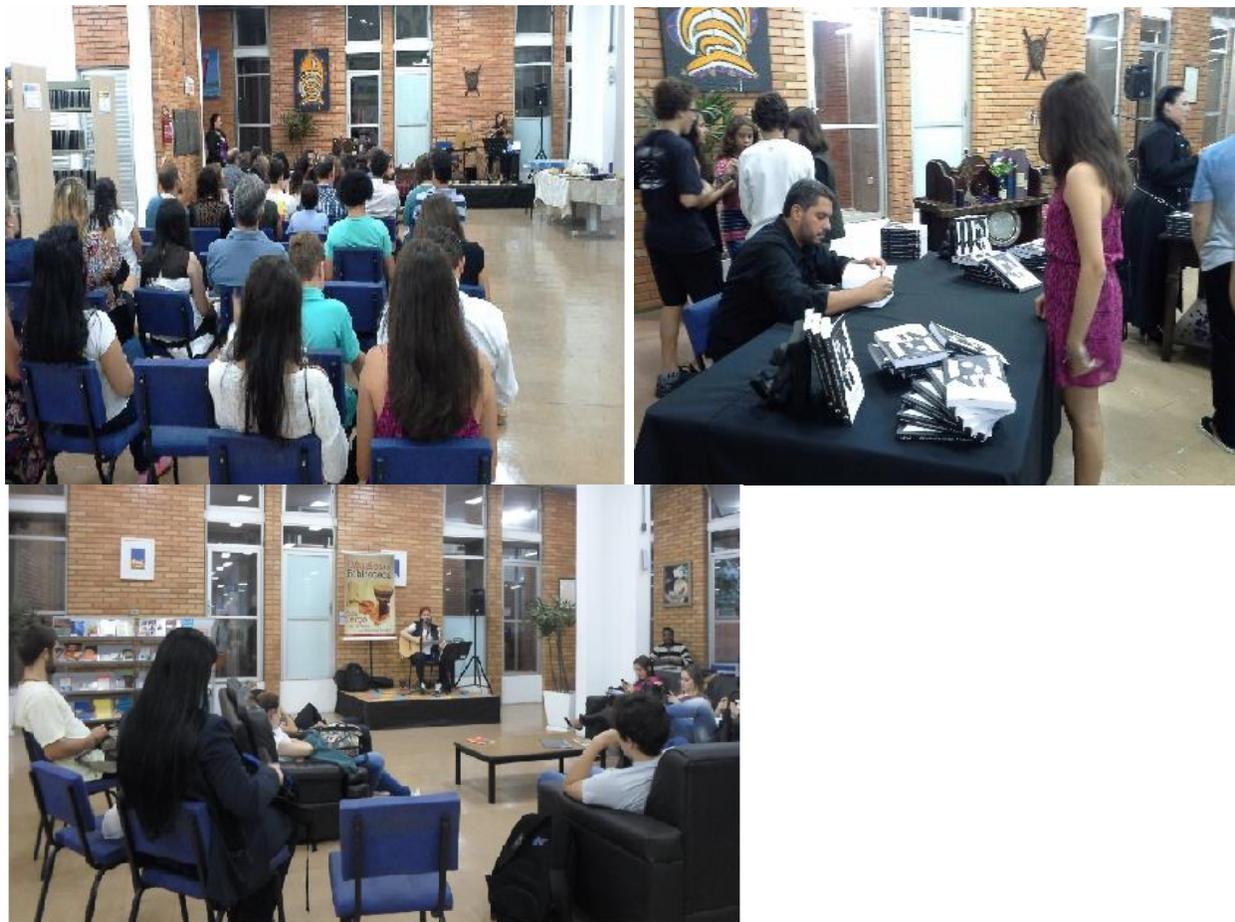


Figura 11. Espaço dinâmico: acolher, discutir e educar esteticamente
Fonte: Acervo das autoras.

Outros espaços da biblioteca contemplam exposições temporárias como a rampa que dá acesso ao piso superior. O objeto artístico em exposição pode passar despercebido como pode provocar o sujeito que não se mostra indiferente a ele. A mediação, nesse caso, dá-se pela relação que o objeto propositor (objeto artístico em exposição) provoca. Além de envolver o outro em uma experiência estética, o objeto propositor pode provocar um diálogo enriquecedor, sinaliza Uriarte et al. (2016). Quando ele instiga um olhar meditativo e estabelece silêncios, revitaliza memórias, desencadeia pensares e traz à tona uma relação silenciosa entre o sujeito e a obra, o objeto propositor medeia (Cé Soares, 2017).

Esse movimento introduz a arte no cotidiano do usuário, ora surpreendendo, causando estranhamento ou inquietando, agindo como estímulo sensível para provocar o contato com a realidade que o cerca, aprimorando o olhar que promove o refinamento dos sentidos, uma reeducação pelo estético e estésico.

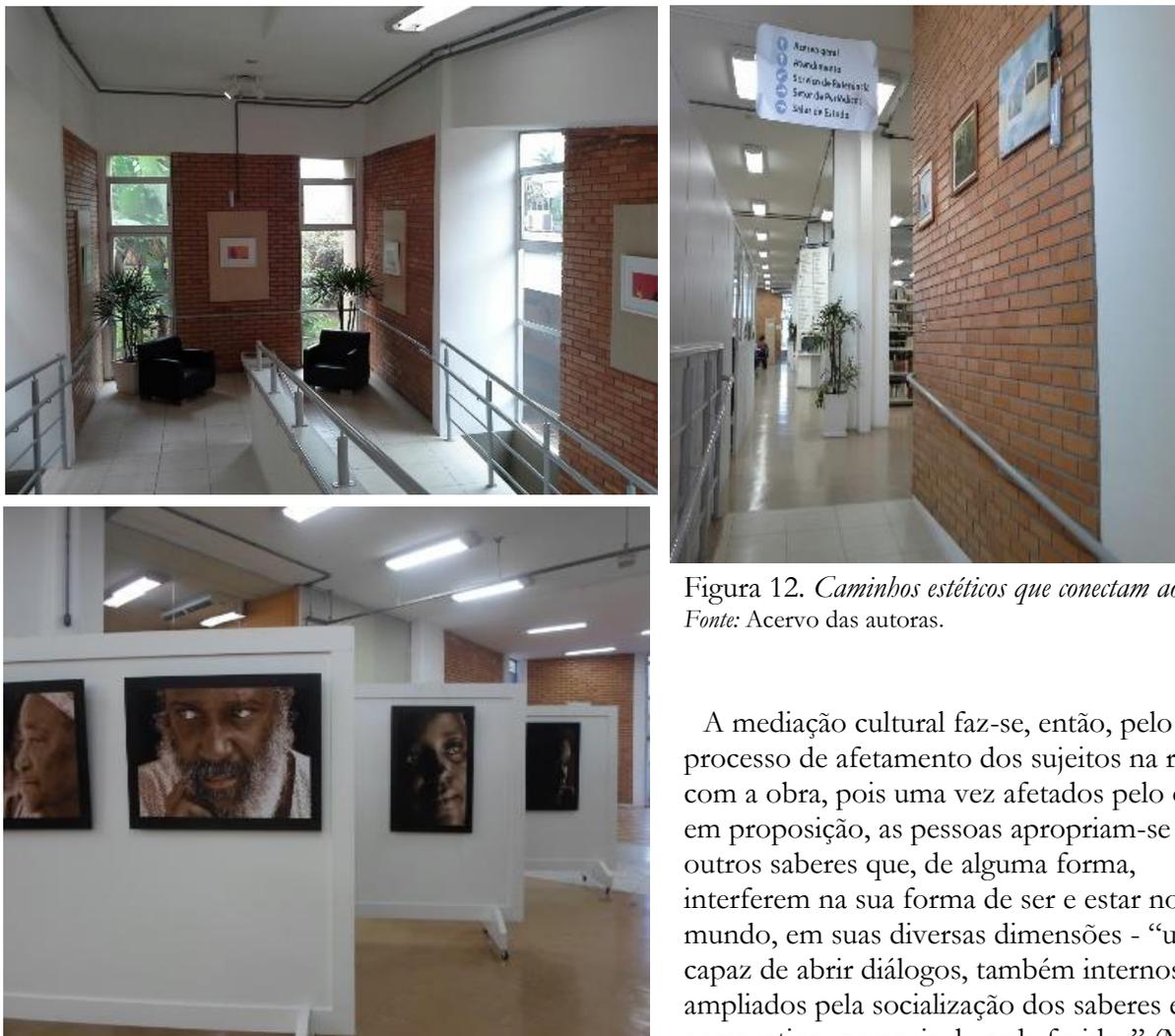


Figura 12. *Caminhos estéticos que conectam ao acervo*
Fonte: Acervo das autoras.

A mediação cultural faz-se, então, pelo processo de afetamento dos sujeitos na relação com a obra, pois uma vez afetados pelo objeto em proposição, as pessoas apropriam-se de outros saberes que, de alguma forma, interferem na sua forma de ser e estar no mundo, em suas diversas dimensões - “um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor” (Martins, 2012, p. 29). A mediação cultural é

compreendida como um percurso que “se abre, se entrelaça a outras experiências vividas pelo sujeito que interferem diretamente no processo de aprendizagem” (Kupiec, Neitzel & Carvalho, 2014, p. 174).



Figura 13. *Espaços estéticos de informar*

Fonte: Acervo das autoras.

É possível observar na Biblioteca Central e Comunitária da UNIVALI outras situações estéticas provocativas como o “banquete informacional” e exposições fotográficas. O banquete composto com obras literárias remete-nos à imagem da fome, mas também do saciar. Por meio dessa ação, buscam-se criar oportunidades de reflexão sobre a necessidade da nutrição não apenas física, mas também interior, estética. Os livros ao ocuparem o espaço da comida nos pratos provocam os usuários a refletirem sobre o ato de leitura. Essa imagem da satisfação física associada à nutrição estética é acumulada pelos nossos canais

de percepção e provoca ressonâncias que podem gerar repercussões, reanimando nossa relação com o livro, com a leitura. Pela repercussão, “sentimos um poder poético erguer-se ingenuamente em nós” (Bachelard, 1993, p. 7). Essa relação entre o inteligível e o sensível oferecida por meio do banquete literário é muito produtiva na geração de imagens porque nos remete a um fazer cotidiano que experienciamos diariamente, uma necessidade física, como a alimentação é essencial, indispensável para a sobrevivência. Logo, a imagem de que a leitura deve ser também um ato cotidiano inerente à nossa própria humanidade vai se construindo.

Como tese geral, pensamos que tudo o que é especificamente humano no homem é *logos*. Falar de espaços esteticamente construídos para dar vazão à subjetividade humana, para dar a perceber a experiência vivida no contato com as coisas é acreditar que os espaços não são destituídos de significação, “as coisas nos falam” (Bachelard, 1993, p. 13).

Sendo a biblioteca um espaço que nos fala, que nos toca e nos afeta, que nos permite a experiência, um espaço repleto de imagens que repercutem significações, que dá vazão também a nossa subjetividade, cujas imagens são gravadas em nossa memória, podemos compreendê-la como um espaço cultural que agrega sentidos à nossa educação estética, que

consiste na “capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado” (Duarte Jr., 2010, p. 13).

Considerações Finais

Vimos ao longo deste artigo apresentando análises e inferências sobre duas bibliotecas para discutir que imagens são construídas a partir da organização arquitetônica e a disposição dos mobiliários e acervos, bem como da sua agenda cultural. Buscamos identificar se elas se configuram como espaços para encontros com a leitura e para a convivência e, portanto, espaços estéticos.

Podemos afirmar que as propostas de ambas revelam a ampliação das funções tradicionais atribuídas às bibliotecas constituindo-se como espaços de mediação cultural, dando acesso ao público a experiências estéticas. Há, na organização do espaço interno, um cuidado com o estético, agregando à biblioteca espaços que possibilitem o lazer e a cultura como ingredientes para sensibilizar e atrair o público. Os espaços para pesquisa e leitura começam a dividir espaços com áreas de acolhimento, e a biblioteca de espaço de silêncio passa a ser também espaço de convivência.

Fica evidente que espaços adaptados como a Biblioteca Pública Municipal e Escolar Norberto Cândido Silveira Jr. possuem limitações físicas que podem dificultar a reinvenção de seus sentidos, da produção de imagens para além de um espaço de catalogação e conservação. Contudo, as ações culturais que essa biblioteca desenvolveu ao longo de um ano exemplificou que, mesmo lugares adaptados, podem ampliar suas funções e ser lugar de trocas e de mediações culturais.

Em síntese, sinalizamos que as bibliotecas ao gerarem imagens cujas ressonâncias se traduzem em repercussões junto ao usuário interferem na sua percepção desse espaço como espaço cultural. As bibliotecas podem contribuir para a educação estética ao oferecer espaços para acolhimento, convivência, informação e discussão. A análise efetuada identifica que os espaços das bibliotecas apontam para a trilogia informar, discutir e criar, ampliando sua potência cultural. Retornamos à ideia de Milanesi (2003) de que a biblioteca contemporânea necessita ser uma “casa da invenção”, e por que não uma casa de educação dos sentidos que colabora para a formação cultural dos sujeitos. As pessoas ao entrarem em uma biblioteca podem ser acolhidas por um espaço de desaceleração, seja pelos profissionais que lá trabalham, pelas obras de arte lá disponíveis, seja pelo espaço esteticamente organizado, pelas ações que mantêm um contato sensível com o ser humano.

Referências

- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- Barbalho, C. R. S. (2002). Biblioteca Pública do Estado do Amazonas: A construção de sentido do seu edifício. *Informação & Sociedade: estudos*, 12(1), 1-16.
- Borba, A. N., Neitzel, A. de A., & Carvalho, C. (2016). A mediação cultural: encontros, afetos e oportunidades. In A. de A. Neitzel & C. Carvalho (Eds.), *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética*. (pp. 75-88). Curitiba: CRV.
- Borges, J. L. (1999). *Obras completas de Jorge Luis Borges*. v.1. São Paulo: Globo.
- Calvino, I. (2010). *Um general na biblioteca*. Trad. Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cé Soares, A. F. (2017). *A cultura e a arte na escola e outras histórias...* Curitiba: CRV.
- Coelho Neto, J. T. (1997). *A construção de sentido na arquitetura* (3ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Demetresco, S. (2005). *Vitrinas em diálogos urbanos*. Coordenação Katia Castilho. São Paulo: Anhembi Morumbi. (Coleção moda e comunicação).
- Duarte Jr., J. F. (2010). *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível* (5ª ed.). Curitiba: Criar.
- Eco, U. (1983). *O nome da Rosa*. Trad. Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Franco, M. L. P. B. (2008). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Brasília: Líder Livro.
- Kupiec, A., Neitzel, A. de A., & Carvalho, C. (2014). A mediação cultural e o processo de humanização do homem. *Antares: Letras e humanidades*, 6(11), 163-177.
- Larrosa, J. (2016). *Tremores*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Martins, M. C. (Org.). (2014). *Pensar juntos mediação cultural: [Entre]laçando experiências e conceitos*. São Paulo: Terracota.
- Martins, M. C. (2012). Expedições instigantes. In M. C. Martins & G. Picosque. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. (2ª ed., pp. 9-22). São Paulo: Intermeios.
- Milanesi, L. (2003). *A casa da invenção*. (4ª ed.) Cotia, SP: Ateliê Editorial.
- Milanesi, L. (2013). Biblioteca Pública: do século XIX para o XXI. *Revista USP*, 97, 59-70. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i97p59-70>
- Neitzel, A. de A., Carvalho, C., Nogueira de Borba, A., da Silva Martins, E. C., & da Costa Silva, J. (2016). E as bibliotecas... serão elas espaços de mediação cultural? In A. de A. Neitzel & C. Carvalho. *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética* (pp. 67-90). Curitiba: CRV.
- Pinto, S. dos S. D. (2015). *Fachada comercial: Arquitetura, publicidade e imagem*. Artigo apresentado no Colóquio [inter]nacional sobre o comércio e a cidade, São Paulo, Brasil.
- Roubaud, J. (2012). *Lire, écrire ou comment je suis devenu collectionneur de bibliothèques*. Villeurbanne: Presses de l'enssib.
- Schiller, F. (2012). *A educação estética do homem*. São Paulo: Iluminuras.
- Uriarte, M. et al. (2016). Mediação cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In A. de A. Neitzel & C. Carvalho. *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética* (pp. 37-52). Curitiba: CRV.

Sobre as Autoras

Adair de Aguiar Neitzel

Universidade do Vale do Itajaí

neitzel@univali.br

<https://orcid.org/0000-0003-0096-5892>

Adair de Aguiar Neitzel é Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil (2002); Professora de Literatura no curso de Letras da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); atua como orientadora no Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI e é líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora.

Cássia Ferri

Universidade do Vale do Itajaí

cassia@univali.br

<https://orcid.org/0000-0003-2210-6597>

Cássia Ferri é Doutora em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2000); Professora de Currículo da UNIVALI; atua como orientadora no Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIVALI e é líder do Grupo de Pesquisa Políticas para a Educação Básica e Superior.

Adeneri Nogueira de Borba

Universidade do Vale do Itajaí

adyborba@bol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-4228-389X>

Adeneri Nogueira de Borba é Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (2016). Atua como pesquisadora no Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora (UNIVALI). Desenvolve pesquisas sobre bibliotecas.

arquivos analíticos de políticas educativas

Volume 26 Número 20

12 de fevereiro 2018

ISSN 1068-2341



O Copyright é retido pelo/a o autor/a (ou primeiro co-autor) que outorga o direito da primeira publicação à revista **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. Más informação da licença de Creative Commons encontram-se em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5>. Qualquer outro uso deve ser aprovado em conjunto pelo/s autor/es e por AAPE/EPAA. AAPE/EPAA é publicada por *Mary Lou Fulton Institute Teachers College da Arizona State University*. Os textos publicados em **AAPE** são indexados por CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas, Espanha) DIALNET (Espanha), [Directory of Open Access Journals](#), Education Full Text (H.W. Wilson), EBSCO Education Research Complete, ERIC, QUALIS A1 (Brasil), SCImago Journal Rank; SCOPUS, SOCOLAR (China).

Curta a nossa comunidade EPAA's Facebook <https://www.facebook.com/EPAAAPE> e Twitter feed @epaa_aape.

arquivos analíticos de políticas educativas conselho editorial

Editor Consultor: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Editoras Associadas: **Kaizo Iwakami Beltrao**, (Brazilian School of Public and Private Management - EBAPE/FGV, Brazil), **Geovana Mendonça Lunardi Mendes** (Universidade do Estado de Santa Catarina), **Gilberto José Miranda**, (Universidade Federal de Uberlândia, Brazil), **Marcia Pletsch**, **Sandra Regina Sales** (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Almerindo Afonso

Universidade do Minho
Portugal

Alexandre Fernandez Vaz

Universidade Federal de Santa
Catarina, Brasil

José Augusto Pacheco

Universidade do Minho, Portugal

Rosanna Maria Barros Sá

Universidade do Algarve
Portugal

Regina Célia Linhares Hostins

Universidade do Vale do Itajaí,
Brasil

Jane Paiva

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil

Maria Helena Bonilla

Universidade Federal da Bahia
Brasil

Alfredo Macedo Gomes

Universidade Federal de Pernambuco
Brasil

Paulo Alberto Santos Vieira

Universidade do Estado de Mato
Grosso, Brasil

Rosa Maria Bueno Fischer

Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, Brasil

Jefferson Mainardes

Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Brasil

Fabiany de Cássia Tavares Silva

Universidade Federal do Mato
Grosso do Sul, Brasil

Alice Casimiro Lopes

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil

Jader Janer Moreira Lopes

Universidade Federal Fluminense e
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Brasil

António Teodoro

Universidade Lusófona
Portugal

Suzana Feldens Schwertner

Centro Universitário Univates
Brasil

Debora Nunes

Universidade Federal do Rio Grande
do Norte, Brasil

Lílian do Valle

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Brasil

Flávia Miller Naethe Motta

Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, Brasil

Alda Junqueira Marin

Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Brasil

Alfredo Veiga-Neto

Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, Brasil

Dalila Andrade Oliveira

Universidade Federal de Minas
Gerais, Brasil

archivos analíticos de políticas educativas consejo editorial

Editor Consultor: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Editores Asociados: **Armando Alcántara Santuario** (Universidad Nacional Autónoma de México), **Jason Beech** (Universidad de San Andrés), **Angelica Buendia** (Metropolitan Autonomous University), **Ezequiel Gomez Caride** (Pontificia Universidad Católica Argentina), **Antonio Luzon** (Universidad de Granada), **José Luis Ramírez Romero** (Universidad Autónoma de Sonora, México)

Claudio Almonacid

Universidad Metropolitana de Ciencias de la Educación, Chile

Miguel Ángel Arias Ortega

Universidad Autónoma de la Ciudad de México

Xavier Besalú Costa

Universitat de Girona, España

Xavier Bonal Sarro Universidad Autónoma de Barcelona, España

Antonio Bolívar Boitía

Universidad de Granada, España

José Joaquín Brunner Universidad Diego Portales, Chile

Damián Canales Sánchez

Instituto Nacional para la Evaluación de la Educación, México

Gabriela de la Cruz Flores

Universidad Nacional Autónoma de México

Marco Antonio Delgado Fuentes

Universidad Iberoamericana, México

Inés Dussel, DIE-CINVESTAV, México

Pedro Flores Crespo Universidad Iberoamericana, México

Ana María García de Fanelli

Centro de Estudios de Estado y Sociedad (CEDES) CONICET, Argentina

Juan Carlos González Faraco

Universidad de Huelva, España

María Clemente Linuesa

Universidad de Salamanca, España

Jaume Martínez Bonafé

Universitat de València, España

Alejandro Márquez Jiménez

Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, UNAM, México

María Guadalupe Olivier Tellez, Universidad Pedagógica Nacional, México

Miguel Pereyra Universidad de Granada, España

Mónica Pini Universidad Nacional de San Martín, Argentina

Omar Orlando Pulido Chaves

Instituto para la Investigación Educativa y el Desarrollo Pedagógico (IDEP)

Paula Razquin Universidad de San Andrés, Argentina

José Ignacio Rivas Flores

Universidad de Málaga, España

Miriam Rodríguez Vargas

Universidad Autónoma de Tamaulipas, México

José Gregorio Rodríguez

Universidad Nacional de Colombia, Colombia

Mario Rueda Beltrán Instituto de Investigaciones sobre la Universidad y la Educación, UNAM, México

José Luis San Fabián Maroto

Universidad de Oviedo, España

Jurjo Torres Santomé, Universidad de la Coruña, España

Yengny Marisol Silva Laya

Universidad Iberoamericana, México

Ernesto Treviño Ronzón

Universidad Veracruzana, México

Ernesto Treviño Villarreal

Universidad Diego Portales Santiago, Chile

Antoni Verger Planells

Universidad Autónoma de Barcelona, España

Catalina Wainerman

Universidad de San Andrés, Argentina

Juan Carlos Yáñez Velazco

Universidad de Colima, México

education policy analysis archives
editorial board

Lead Editor: **Audrey Amrein-Beardsley** (Arizona State University)

Executive Editor: **Gustavo E. Fischman** (Arizona State University)

Associate Editors: **David Carlson, Lauren Harris, Eugene Judson, Mirka Koro-Ljungberg, Scott Marley, Iveta Silova, Maria Teresa Tatto** (Arizona State University)

Cristina Alfaro San Diego State University

Gary Anderson New York University

Michael W. Apple University of Wisconsin, Madison

Jeff Bale OISE, University of Toronto, Canada

Aaron Bevanot SUNY Albany

David C. Berliner Arizona State University

Henry Braun Boston College

Casey Cobb University of Connecticut

Arnold Danzig San Jose State University

Linda Darling-Hammond Stanford University

Elizabeth H. DeBray University of Georgia

Chad d'Entremont Rennie Center for Education Research & Policy

John Diamond University of Wisconsin, Madison

Matthew Di Carlo Albert Shanker Institute

Sherman Dorn Arizona State University

Michael J. Dumas University of California, Berkeley

Kathy Escamilla University of Colorado, Boulder

Melissa Lynn Freeman Adams State College

Rachael Gabriel University of Connecticut

Amy Garrett Dikkers University of North Carolina, Wilmington

Gene V Glass Arizona State University

Ronald Glass University of California, Santa Cruz

Jacob P. K. Gross University of Louisville

Eric M. Haas WestEd

Julian Vasquez Heilig California State University, Sacramento

Kimberly Kappler Hewitt University of North Carolina Greensboro

Aimee Howley Ohio University

Steve Klees University of Maryland

Jaekyung Lee SUNY Buffalo

Jessica Nina Lester Indiana University

Amanda E. Lewis University of Illinois, Chicago

Chad R. Lochmiller Indiana University

Christopher Lubienski Indiana University

Sarah Lubienski Indiana University

William J. Mathis University of Colorado, Boulder

Michele S. Moses University of Colorado, Boulder

Julianne Moss Deakin University, Australia

Sharon Nichols University of Texas, San Antonio

Eric Parsons University of Missouri-Columbia

Amanda U. Potterton University of Kentucky

Susan L. Robertson Bristol University, UK

Gloria M. Rodriguez University of California, Davis

R. Anthony Rolle University of Houston

A. G. Rud Washington State University

Patricia Sánchez University of University of Texas, San Antonio

Janelle Scott University of California, Berkeley

Jack Schneider College of the Holy Cross

Noah Sobe Loyola University

Nelly P. Stromquist University of Maryland

Benjamin Superfine University of Illinois, Chicago

Adai Tefera Virginia Commonwealth University

Tina Trujillo University of California, Berkeley

Federico R. Waitoller University of Illinois, Chicago

Larisa Warhol University of Connecticut

John Weathers University of Colorado, Colorado Springs

Kevin Welner University of Colorado, Boulder

Terrence G. Wiley Center for Applied Linguistics

John Willinsky Stanford University

Jennifer R. Wolgemuth University of South Florida

Kyo Yamashiro Claremont Graduate University